

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO**

**O tema do racismo estrutural no jornalismo digital:
uma análise de conteúdo**

TAINÁ FREITAS MEDEIROS

São Paulo

2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**O tema do racismo estrutural no jornalismo digital:
uma análise de conteúdo**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Cultura, Educação e
Relações Étnico Raciais.

Orientador: Prof. Dr. Dennis de Oliveira

São Paulo

2021

Resumo: O artigo propõe uma discussão sobre a abordagem do tema do Racismo Estrutural na produção jornalística digital brasileira. A pesquisa incluiu levantamento bibliográfico sobre Racismo Estrutural, seleção de textos jornalísticos do período de janeiro de 2010 a outubro de 2020 por meio da ferramenta Google Notícias e análise de conteúdo. Apesar do notável crescimento do número de matérias sobre o tema, ainda se observam no jornalismo diversos impasses na utilização adequada do conceito de racismo estrutural.

Palavras-chave: Racismo. Racismo estrutural. Comunicação. Jornalismo digital. Análise de conteúdo.

Abstract: The article proposes a discussion on the approach to the theme of Structural Racism in Brazilian digital journalistic production. The research included a bibliographic survey about Structural Racism, the selection of journalistic texts from January 2010 to October 2020 through the Google News tool and content analysis. Despite the notable growth in the number of articles on the subject, there are still several impasses in journalism in the proper use of the concept of structural racism.

Key words: Racism. Structural racism. Communication. Digital journalism. Content analysis.

Resumen: El artículo propone una discusión sobre el abordaje del tema del Racismo Estructural en la producción periodística digital brasileña. La investigación incluyó un relevamiento bibliográfico sobre racismo estructural, selección de textos periodísticos desde enero de 2010 hasta octubre de 2020 a través de la herramienta Google News y análisis de contenido. A pesar del notable crecimiento en el número de artículos sobre el tema, aún existen varios impasses en el periodismo en el uso adecuado del concepto de racismo estructural.

Palabras clave: Racismo. Racismo estructural. Comunicación. Periodismo digital. Análisis de contenido.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos as discussões sobre o caráter estrutural do racismo brasileiro têm rompido os limites dos debates acadêmicos e espaços de militância política organizada, e tem se popularizado no vocabulário adotado pelos meios de comunicação quando se trata de discutir as desigualdades raciais no país. Apesar do fato de que o debate sobre essas questões nas grandes mídias ainda é permeado por diversas tensões e encontra grande resistência, a perspectiva de compreensão do racismo como um fenômeno estrutural, encontrou relativo consenso entre aqueles que falam sobre o tema, sendo que tal mudança pode ser sentida através da popularização que a adoção da expressão “racismo estrutural” tem encontrado midiaticamente.

Em outro âmbito, as mudanças provocadas na sociedade pelos avanços da tecnologia e pela massificação do uso da internet exigiram do jornalismo a migração para os meios digitais, além da renovação e criação de novas formas de difusão de conteúdo. Assim sendo, não nos permite desprezar a importância do material jornalístico produzido nos meios digitais, cujo volume e audiência cresce cada dia mais, e impacta significativamente a sociedade que o consome. O jornalismo digital é “o uso de tecnologias digitais para pesquisar, produzir e distribuir (ou tornar acessível) notícias e informações para uma audiência informatizada” (Kawamoto 2003 apud RASÊRA, 2010, p. 3).

Desta forma, este trabalho propõe uma investigação sobre a abordagem do tema do racismo estrutural na produção jornalística digital, durante o período de 2010 a 2020. O período em análise reúne momentos importantes de mobilização dos movimentos negros no país, como a criação da “Marcha das Mulheres Negras” em 2015, e a “Coalizão Negra por Direitos” em 2019, que demonstram a constante atividade de articulação desses grupos frente aos diversos desafios contemporâneos impostos pelo racismo brasileiro. O período compreende também momentos emblemáticos como a aprovação do Estatuto da Igualdade Racial em 2010 e da Lei de Cotas para o ensino superior em 2012. Em relação a esta última, é importante frisar que ela vem proporcionando até hoje uma mudança sensível na composição discente das universidades públicas brasileiras, e a formação de gerações cada vez mais críticas ao ambiente racialmente conflituoso no Brasil. Outra estratégia contemporânea utilizada pela militância política negra tem sido a apropriação da internet, e em especial, das redes sociais como uma ferramenta e local de engajamento, ensino, divulgação e debate sobre suas reivindicações. Hoje encontramos diversas figuras acadêmicas conhecidas, políticos, integrantes de movimentos sociais, estudantes e até mesmo os chamados influenciadores digitais, dedicados à comunicação com grandes públicos através do ativismo digital.

Dentro dessas mesmas circunstâncias, nas últimas décadas o jornalismo tem sido levado a cada vez mais acompanhar o desenvolvimento tecnológico e as tendências de consumo de informação através dos meios digitais, o que promove mudanças em sua forma própria de atuação profissional e campo do saber. Por mais que a versão impressa de muitos jornais e revistas ainda sobreviva, a possibilidade de acesso rápido e dinâmico à informação através do celular, tablet, notebook, entre outros, é uma realidade tecnológica que podemos presumir que seja irreversível e que exigiu do jornalismo a migração massiva para o formato digital.

Essa migração para uma nova realidade digital acaba por impactar de diversas formas o ecossistema do mundo jornalístico. Fazem parte dessa história a falência e o fechamento de pequenos jornais impressos, em contraposição aos grandes conglomerados da mídia, cuja estrutura financeira permite que sejam deles os primeiros sites de notícias, o que acaba reforçando a sua dominação e predominância no mercado. A possibilidade de produzir mais com cada vez menos pessoas, proporcionada pelo uso das tecnologias, também culmina em eventos de demissões em massa nas redações, além de fazer com que os veículos tenham que se valer constantemente dos mais atuais recursos tecnológicos, para proporcionarem conteúdos atrativos à audiência moderna e informatizada (CHISTOFORI, 2006).

É importante pontuar mesmo brevemente, que a constante pressão política exercida pelos movimentos negros no que diz respeito à denúncia do racismo e de suas consequências na sociedade, tem sido crucial para esse aumento da repercussão que o tema tem obtido nos meios de comunicação. Além disso, o termo “Racismo Estrutural” é fruto de uma construção política e intelectual de décadas, que propõe o aprofundamento na compreensão sobre as desigualdades raciais na sociedade brasileira.

Há aqui a hipótese de que por influência dessa pressão exercida pelos movimentos negros, a adoção da terminologia do racismo estrutural tenha superado os limites dos ambientes acadêmicos e de militância política e se difundido entre as discussões nas redes sociais e nos meios de comunicação. Isso nos desperta o interesse pela compreensão sobre o modo que a mídia jornalística, e em especial o jornalismo digital tem discutido este assunto. Sugerimos que seria possível notar esse aumento na produção de material jornalístico sobre o Racismo Estrutural no jornalismo digital.

Partindo desse pressuposto, o objetivo geral deste trabalho é realizar uma análise do conteúdo (BARDIN, 1977) da produção jornalística digital brasileira disponível no agregador de notícias Google Notícias, entre o período de 2010 a 2020.

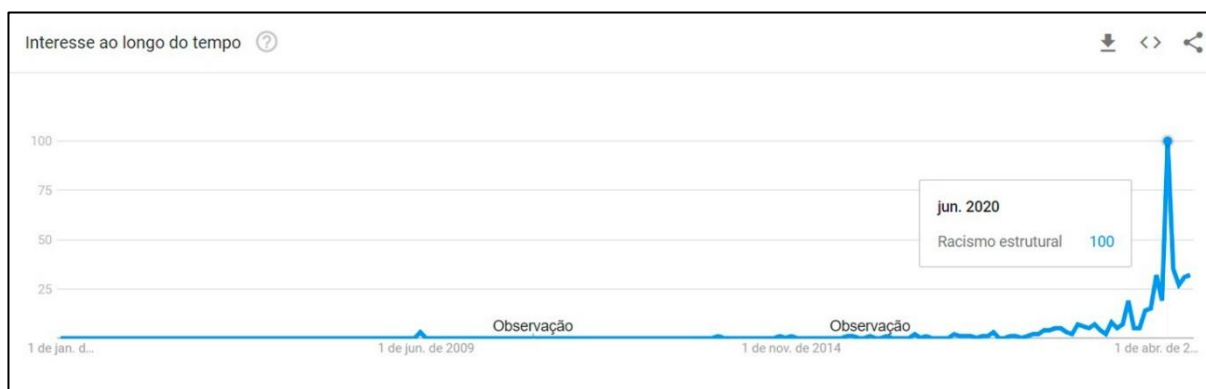
Como objetivo específico, a partir do material jornalístico selecionado, será realizada uma caracterização da forma como o tema do Racismo Estrutural foi abordado nas publicações de acordo com as categorias determinadas para a análise, tais como: enquadramento do conceito, além da

quantidade e periodicidade de textos e sua distribuição entre os veículos de comunicação. Por fim, em posse dos dados categorizados, pretende-se interpretar os resultados obtidos para chegar a uma compreensão sobre o tratamento editorial dispensado ao tema do “Racismo Estrutural” pelo conteúdo jornalístico analisado.

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

De acordo com dados do site “Google”, através de sua ferramenta “Google Trends”, que mostra a evolução do número de buscas por uma palavra-chave ou tópico ao longo do tempo, o interesse na pergunta “*O que é racismo estrutural?*” foi recorde em 2020 no Brasil. Além disso, nunca se pesquisou tanto sobre racismo estrutural desde 2004, quando iniciam os registros contidos na plataforma, como no mês de junho de 2020.

Figura 1 – Índice de buscas pelo termo “Racismo Estrutural” no Google entre 2004 e 2020



Fonte: Google Trends¹

O aumento no número de buscas por racismo estrutural e outros termos associados ao debate racial coincidem com o período da morte do estadunidense George Floyd, homem negro assassinado por policiais brancos durante violenta abordagem em maio de 2020. A morte de Floyd desencadeou a maior onda de protestos contra o racismo das últimas décadas, se multiplicando em atos políticos por vários outros países, o que gerou uma cobertura massiva da mídia nacional e internacional em torno dos protestos e de sua motivação racial. Outros acontecimentos no Brasil, um deles a morte brutal do garoto João Pedro Mattos de 14 anos, baleado e morto por policiais dentro da própria casa em São Gonçalo no Rio de Janeiro, também contribuíram para a emergência do debate sobre as desigualdades raciais, conquistando um espaço inédito nos meios de comunicação, e em especial no jornalismo televisivo e digital.

¹Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2004-01-01%202020-10-31&geo=BR&q=%2Fm%2F0117343_> Acesso em 07 nov. 2020.

Nos dois casos citados acima é notória a influência da internet na repercussão que ambos tiveram na mídia. Hoje, notadamente, os espaços virtuais são fundamentais para a vazão e a disseminação dos debates políticos presentes no dia a dia, e tornaram-se uma espécie de termômetro sobre diversas discussões nas sociedades. Nesse cenário, a influência do jornalismo digital cresce por conta do grande alcance e popularidade perante a diminuição da circulação de jornais impressos e a presença cada vez maior de celulares com acesso à internet nas mãos dos brasileiros. Somado a isso, pesquisas apontam que o consumo de notícias por meio digital cresceu consideravelmente por conta da pandemia do novo Coronavírus, principalmente nos períodos de isolamento social mais intenso. Segundo o levantamento feito pela pesquisa Painel TIC COVID-19, que coletou dados sobre as atividades de usuários da internet nos domicílios brasileiros, em 2019 a porcentagem de pessoas que utilizavam a internet para ler jornais, revistas e notícias era de 65%, ao passo que em 2020, já durante os meses da pandemia, esse percentual subiu para 72%.

Considerando a importância do campo jornalístico como um espaço de disputas simbólicas, de poder e de produção de discursos sobre a realidade que podem influenciar e contribuir para o entendimento de determinado tema na sociedade, além do seu crescente alcance na sociedade brasileira, este trabalho se propõe a explorar a produção do jornalismo digital, na tentativa de compreensão da abordagem utilizada sobre o racismo estrutural.

MARCOS TEÓRICOS

A compreensão sobre racismo estrutural atualmente se estabelece como uma perspectiva teórica indispensável para o debate político brasileiro. É importante destacar que ao contrário do que possa parecer, essa discussão não é nova. Sua gênese histórica e teórica deve-se a uma árdua construção conjunta de diversos intelectuais como Lélia Gonzalez, Clóvis Moura, Beatriz Nascimento, Abdias do Nascimento, entre outros. Nesse aspecto, é importante ressaltar que o relativo consenso que se tem hoje na adoção do racismo estrutural como a perspectiva capaz de dar conta da explicação das diversas dimensões do racismo na sociedade brasileira, não se constituiu por meio de um processo harmônico. Essa perspectiva sempre esteve sob disputa, e enfrentando diversas tentativas de apagamento e diminuição da gravidade da escravidão no Brasil como fenômeno social que deixou marcas estruturais na formação da sociedade brasileira, em todos os seus aspectos, como no caso do mito da democracia racial. Mesmo dentro de setores que consideram a existência da discriminação racial no país, ainda é necessário que essa perspectiva entre em embates com quem ainda hoje insiste em reduzir a discussão sobre desigualdade racial à questão de ordem econômica,

ou pior, como um problema individual de ordem psicológica ou moral, restrito ao campo das relações interpessoais.

Além de refletir o esforço político e de produção intelectual negra, a consolidação do conceito deriva de uma demanda prática dos movimentos sociais negros de exigir o reconhecimento do caráter estrutural das desigualdades raciais no Brasil, trazendo o termo como ferramenta conceitual de aprofundamento e ampliação da discussão e fazendo uso dela não apenas para a realização de um exame sobre o racismo, mas um exame profundo sobre a formação social, política e econômica brasileira.

Clóvis Moura (2014) é um dos autores fundamentais para uma compreensão apurada sobre os elementos que constituem o racismo estrutural brasileiro. É imprescindível destacar a análise proposta por ele sobre a formação da sociedade brasileira no que tange à identificação e a caracterização do modo de produção escravista no Brasil, cuja base produtiva consistia na exploração do trabalho de negros e indígenas escravizados. Tanto no auge quanto na decadência do escravismo brasileiro, o autor aponta para a oposição fundamental dos lugares ocupados por senhores e escravizados como o cerne da contradição social vigente. Mesmo após a transição para o modo de produção capitalista e a adoção da mão de obra assalariada, em consonância com as ideias de Moura, Dennis Oliveira (2001) nos mostra o quanto esse processo foi conduzido de maneira conservadora pelos setores burgueses, compostos pelos antigos senhores, preservando estruturas aristocráticas e escravistas praticamente intactas. Mais do que isso, o processo reforçou a exclusão já existente da população negra e indígena da incorporação ao novo mercado de trabalho emergente, deixando-as na margem das possibilidades de acesso ao emprego, renda e terra, o que se reflete nas condições de vida atuais desses grupos.

Nesse aspecto, Moura destaca como o pertencimento racial se configura como o elemento primordial na gênese da composição das classes sociais no Brasil antes mesmo da consolidação de um modelo de sociedade capitalista. Ele nos mostra como todas as fases históricas da sociedade brasileira estão interligadas pelo racismo enquanto elemento fundante, central e que regula o funcionamento da sociedade brasileira bem como as posições ocupadas pelos grupos dela pertencentes.

Em contribuição a esse debate, o trabalho de Silvio Almeida (2019) sistematiza e resgata ideias fundamentais para a compreensão do caráter estrutural do racismo através de uma síntese dessa tradição do pensamento social negro brasileiro. O autor alerta que é importante compreender que não se trata de um tipo específico de racismo, mas sim de enxergar que “o racismo é sempre estrutural, ou seja, ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade” (ALMEIDA, 2019, p. 20). Nos mostra como o racismo estrutural configura e organiza a normalidade no funcionamento da sociedade e como sua reprodução se dá de forma sistemática e continua penetrando

todo o tecido de relações sociais, políticas e econômicas possibilitando a perpetuação das desigualdades raciais (ALMEIDA, 2019).

Nesse sentido, ele aprofunda uma exposição das principais ideias sobre a problemática racial: a concepção individualista, a institucional e a estrutural. A primeira encerra o racismo na expressão da discriminação direta, no campo das relações pessoais. As limitações dessa visão residem no fato de que ela ignora a ideia do racismo como um amplo sistema de poder e desconsidera os aspectos históricos, políticos e econômicos da formação nacional.

Em contraponto, a concepção institucional reconhece como o racismo se manifesta através do funcionamento de instituições que possuem o poder de conceder vantagens e privilégios a determinados grupos em detrimento de outros. As instituições tornam-se vetores dos interesses de um determinado grupo hegemônico, que através delas legitimam e consolidam sua dominação e seu poder. A atuação do Poder Judiciário, por exemplo, é um campo de análise sobre a ação do racismo institucional, que influencia desde a possibilidade dos sujeitos acessarem esse serviço a seu favor, até a forma como serão tratados ou mesmo como será a sentença determinada em caso de serem submetidos a um julgamento.

Por conseguinte, a concepção estrutural, que não exclui, mas também não se limita à soma das anteriores, entende a configuração das relações sociais, bem como o funcionamento das instituições como reflexo da estrutura social racista. Essa concepção é fundamental para a superação da ideia de racismo enquanto *anomia* ou *patologia social*, ou mesmo como um desarranjo institucional, pois ao contrário disso, ele é o elemento que regula e rege, sendo por si só a norma da dinâmica social em diversas instâncias, como a política, a economia, o direito, e até mesmo as relações familiares (ALMEIDA, 2019).

Sobre o papel da grande mídia e sua atuação frente às questões políticas das identidades, Muniz Sodré (2015) traz observações importantes em sua obra *Claros e Escuros: Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil*. Segundo o autor, os discursos sociais, nos quais a comunicação midiática está inserida, são importantes vetores de discursos que contribuem para a produção e reprodução do racismo. Por isso o jornalismo é uma ferramenta cuja importância não deve ser negligenciada, no que tange a tarefa de compreender como um determinado grupo ou sociedade constrói, pensa e difunde ideias sobre os mais diferentes grupos raciais que a compõem (VAN DIJK apud SODRÉ, 2015). Ainda com base no autor, Sodré nos afirma que a tendência geral da grande mídia é a propagação de discursos ligados à sua origem intelectual elitista, a qual majoritariamente atua na legitimação ou na escamoteação das desigualdades raciais (SODRÉ, 2015).

Cabe reforçar que Sodré destaca que no Brasil a dominação dos grandes conglomerados de comunicação, fez do controle da mídia um bem patrimonial concentrado nas mãos de poucas e

poderosas famílias, constituindo o que chama de “ ‘feudos’ econômico-jurídico-político-ideológicos de elites patrimoniais.”(SODRÉ, 2015, p. 277). Este monopólio, se assim podemos chamá-lo, detém grande poder de influência na construção do imaginário social nacional sobre os mais diversos temas, inclusive o racismo. Essa construção, chamada por Sodré de racismo midiático,   oriunda de quatro fatores.

O primeiro deles   a nega o do racismo, quando a m dia ignora ou nega a existência desse tipo de discrimina o no dia a dia, exceto quando noticia casos de grande repercussão ou notória viola o de direitos, dos quais não consegue esquivar-se de cobertura, devido a relevância do acontecimento. O segundo, o recalamento, seria a tentativa de encobrir e reprimir a valoriza o de aspectos positivos de manifesta es de origem negra na vida cultural e simbólica brasileira. O autor relaciona esse aspecto diretamente com o desconhecimento intencional ou não, de profissionais da comunica o sobre a história e contribui es da popula o negra na história do país, nos mais diversos espaços. O terceiro aspecto consiste na estigmatiza o constante alimentada pela média, ao reforçar os mais diversos estereótipos desqualificantes da pessoa negra. O quarto e último deles   chamado de indiferença profissional, que se caracteriza pela instaura o do lucro e da manuten o do poder comercial como o interesse central que pauta a organiza o da grande m dia, o que a distancia de uma real preocupa o com questões como a do racismo. Além disso, a ausência sensível de profissionais negros e negras nos maiores grupos de comunica o   outro sintoma evidente desse projeto de manuten o discursiva sobre a realidade.

O autor finaliza esse segmento de sua argumenta o afirmando ser impossível a existência de uma “verdadeira política antirracista [...] num sistema discursivo como o dessa grande m dia” (SODRÉ, pg. 280, 2015), lembrando o papel fundamental da imprensa negra brasileira do pós aboli o e de alternativas mais atuais a esse cenário como as lideradas por grupos indígenas, como símbolo de resistência às narrativas hegem nicas.

Os fatores constitutivos do racismo midiático apontados por Sodré nos ajudam a construir uma reflexão sobre como o jornalismo atua perante a discrimina o vivida pela popula o negra em nosso país e como ele se comunica e informa a sociedade sobre esses temas. A partir dessa reflexão, torna-se possível aprofundar o debate sobre quais são as motiva es e interesses implícitos nas mensagens que o jornalismo brasileiro deseja transmitir ao público sobre o tema do racismo e quais os são os seus maiores impactos.

METODOLOGIA

A coleta do material jornalístico analisado neste trabalho foi realizada através do site de buscas “Google”. A ferramenta que possibilita essa busca é chamada de “Google Notícias” e trata-se de um agregador de notícias publicadas na internet que reúne os conteúdos disponíveis na rede e permite a personalização dos interesses para a customização dos resultados de busca recebidos pelos usuários.

Como a própria ferramenta e os portais que publicam as notícias estão em constante atualização, contamos com a possibilidade de que conteúdos mais antigos não estejam mais disponíveis nos sites que os abrigam originalmente, e não tenham sido captados pela pesquisa feita para este trabalho. Outra consideração importante a se fazer, é sobre a influência dos algoritmos nos resultados encontrados. Na seção “Ajuda”, encontramos a informação de que os resultados encontrados são selecionados por algoritmos informáticos que estabelecem as notícias que serão exibidas bem como a ordem em que serão apresentados, tudo isso baseado na tentativa de personalização do conteúdo de acordo com a experiência pregressa do usuário nas redes, mas também com as fontes consideradas mais relevantes sobre o assunto, relevância esta posta sem a exposição conclusiva dos critérios que a definem.

Segundo Osoba & Welser IV (2017), um algoritmo pode ser definido como “uma sequência finita de instruções precisas que são implementáveis em sistemas de computação” (Osoba & Welser IV apud SILVA, 2020). Seriam essas instruções então que conduziriam aos resultados das buscas, considerando as possíveis variáveis entre usuários, mas também partindo de códigos já pré-estabelecidos. Nesse aspecto é necessário considerar que apesar de serem mecanismos cujo funcionamento se dá de forma automática, da mesma forma sofrem a interferência humana na definição de seus padrões. Não cabe aqui o aprofundamento na questão, mas é necessário ao menos mencionar os estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre a temática do *racismo algorítmico* que expõem como essa ferramenta arbitra resultados de buscas e de outros mecanismos com deliberada omissão ou supressão de pessoas negras em contextos positivos, e por outro lado, no reforço de estereótipos ou na associação a estigmas negativos aos negros.

Silva (2020), uma das referências nacionais desse campo de investigação, reforça, conforme já exposto anteriormente, que os critérios através dos quais os buscadores respondem às demandas por determinado assunto, ainda carecem de transparência. Sobre isso o autor nos diz: “...a ordem dos resultados – definida algoritmicamente – tem papel relevante na reprodução de representações e acesso a informações consoantes ou dissonantes de olhares hegemônicos ou contra- hegemônicos” (SILVA, 2020, p. 132). Portanto, incorporada a essa questão está a necessidade de admitir, revelar e

debater a profunda influência do racismo nos mecanismos de inteligência artificial e seus efeitos na vida contemporânea.

A escolha metodológica para análise dos textos foi baseada na Análise de Conteúdo, procedimento metodológico que permite quantificar as características do material examinado para posterior mensuração, comparação e interpretação. Esse método que tem como uma de suas principais expoentes a pesquisadora Laurence Bardin (1977), no livro “Análise de Conteúdo”, propõe um procedimento metodológico composto por três etapas: organização e seleção dos documentos relevantes para a pesquisa; exploração do material e codificação e por fim, a categorização e interpretação, que neste caso será apoiada no referencial teórico apresentado anteriormente (BARDIN, 1977).

A primeira consiste na coleta de material. O processo de captação e catalogação das notícias encontradas foi realizado entre os meses de outubro e dezembro de 2020, e decidiu-se procurar pelas matérias publicadas a partir de 01 de janeiro de 2010 até 31 de outubro de 2020. As buscas se concentraram em localizar todas as notícias relacionadas às palavras-chave utilizadas, que neste caso formavam o termo racismo estrutural. A partir dos textos encontrados foi realizada uma checagem inicial para confirmação de que o texto de fato tratava do assunto em questão, e nesta etapa os que não tinham como assunto central ou secundário o racismo estrutural, foram removidos. Após esta seleção chegamos ao total de 737 textos para a composição da amostra.

Na segunda etapa, a de codificação, foram extraídas dos textos as informações que serão foco da análise. A codificação foi realizada com base em categorias quantitativas e qualitativas, a fim de se construir uma caracterização geral sobre a amostra examinada, mas também compreender como o tema do racismo estrutural é abordado nestes textos. As informações selecionadas para análise foram as seguintes:

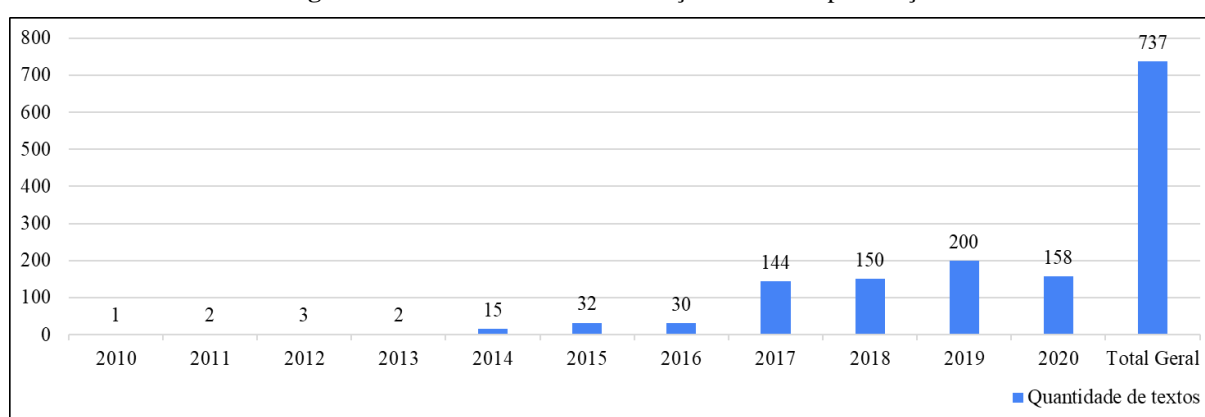
- Quantidade de publicações em cada um dos anos do período da amostra;
- Quantidade de publicações organizadas por mês no período da amostra;
- Quantidade de publicações por cada um dos veículos de comunicação localizados;
- Enquadramento do conceito de racismo estrutural no texto e possíveis aproximações e distanciamentos em relação ao referencial teórico selecionado;

Na terceira e última etapa residem a sistematização dos resultados obtidos, a proposição de possíveis cruzamentos entre os dados e a posterior inferência e interpretação destes resultados.

ANÁLISE DOS DADOS

A partir deste ponto passamos a apresentar os dados coletados e as possíveis interpretações que podem ser feitas através dos resultados encontrados. A primeira parte da análise consiste na exposição e exame de dados quantitativos. Como já dito anteriormente, a amostra utilizada foi composta por um total de 737 matérias e a primeira categoria adotada para classificação dos textos foi seu ano de publicação, cujos resultados estão expostos abaixo:

Figura 2 - Total de matérias em relação ao ano de publicação



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Diante dessas informações, notamos que o número de matérias localizadas passa por um crescimento contínuo ao longo dos anos, com destaque significativo para o volume registrado especialmente a partir do ano de 2017. Sobre o intervalo de 2010 a 2016, cujo número de publicações é tímido, há algumas considerações a serem feitas para refletirmos sobre os resultados encontrados. A primeira delas é a presença com maior força a partir de 2013, de organizações de jornalismo independente no cenário nacional, sendo que no ano de 2015 o número de iniciativas criadas atingiu o patamar mais alto até então registrado. Esses números são do Mapa do Jornalismo Independente (2016), um levantamento realizado pela Agência Pública, organização dedicada ao jornalismo investigativo.

Segundo Ferreira e Oliveira (2016), essas organizações se utilizam prioritariamente dos meios digitais, principalmente das redes sociais, para divulgação e ampliação de seu trabalho, reconhecendo que no Brasil a procura de notícias através desses canais cresce cada vez mais. A mídia independente é aquela cujas atividades estão desvinculadas do controle dos grandes conglomerados de comunicação, que geralmente cultivam alianças com grupos cultural, política e economicamente hegemônicos. Dentro deste espectro podemos destacar a existência de veículos criados e conduzidos

por profissionais negras e negros que se impõem contra a mídia hegemônica ao lutarem pelo deslocamento do lugar da população negra apenas como objeto da notícia, passando a assumir nela um papel protagonista que constrói outras narrativas, mais diversas, críticas e propositivas sobre si mesma. Estes grupos herdam, sem dúvida, o legado repaginado da tradicional imprensa negra brasileira, que desde o século XIX vem rompendo com a ausência do debate sobre as questões raciais no país, denunciando o silêncio e a omissão sobre o tema nos discursos da grande mídia e o consequente impacto na manutenção de uma cultura que ainda se nega a reconhecer a relevância do racismo na dinâmica social, política e econômica brasileira. Logo, seria possível sugerir que o aumento de publicações sobre um tema que ainda enfrenta resistência, como é o racismo estrutural, tenha sido influenciado pelo surgimento de veículos independentes, geralmente comprometidos com algum tipo de ativismo político e com a contraposição às narrativas dominantes, possuindo outras possibilidades de exercício da liberdade editorial.

Outro ponto que aqui merece destaque, é uma reflexão indispensável sobre a incidência política dos movimentos negros como um dos fatores que influenciaram a inflexão observada no número de matérias publicadas a partir do ano de 2017, pois decerto não poderíamos atribuir à simples espontaneidade ou repentina tomada de consciência uma mudança tão substancial. Um exemplo marcante à época foi o caso do ex - jornalista da rede Globo Willian Waack, que em 2016, antes de entrar no ar durante a cobertura das eleições estadunidenses, o jornalista foi flagrado fazendo comentários racistas em relação a um homem que passava buzinando bem próximo ao local onde aguardava parar entrar ao vivo. O vídeo com as imagens desse momento tornou-se público apenas em 2017, mas ainda sim teve grande circulação e repercussão, o que forçou a afastá-lo de suas funções e posteriormente desligá-lo definitivamente da emissora. O episódio trouxe à tona questionamentos sobre o perfil dos profissionais que compõem os grandes veículos de comunicação e como eles dialogam diretamente com o discurso por eles veiculados.

Outra questão é a condescendência com o racismo que só é encerrada quando um caso se torna público e a pressão sofrida faz com que a empresa seja obrigada a reagir. Ainda tendo como exemplo este caso, notamos uma reação extremamente pontual que em momento algum fez com que a emissora refletisse sobre a necessidade de mudanças de caráter mais profundo e estrutural.

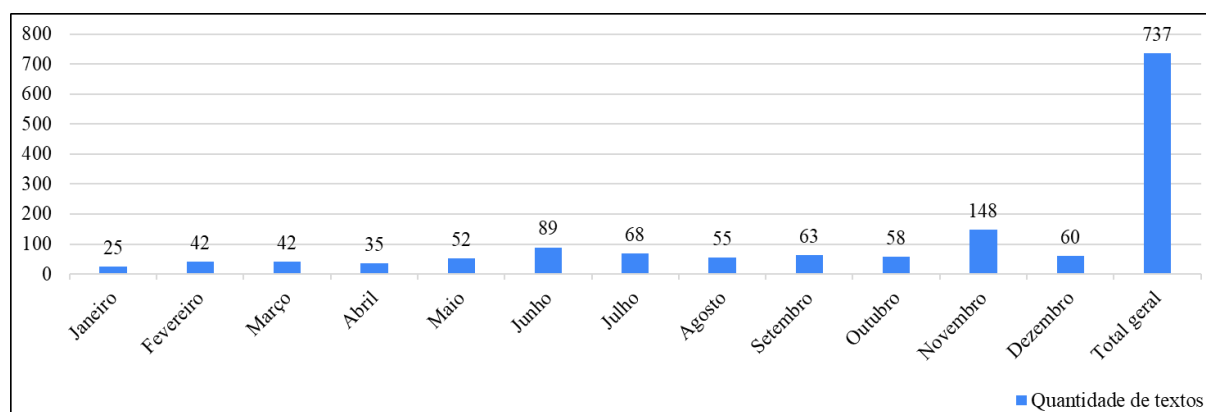
Apesar da forma como estes episódios foram tratados seja em certa medida ainda questionável, constatamos através dos números anteriormente expostos que a discussão sobre o racismo estrutural tem crescido a cada ano que passa. O notável aumento sentido principalmente a partir de 2017 se repetiu nos anos seguintes. Um fato que obteve relevância no ano de 2018 e merece destaque, foi o lançamento da coleção *Feminismos Plurais*. A coletânea de títulos que discutem diversos aspectos do problema racial brasileiro, dedicou uma de suas edições ao tema do Racismo

Estrutural. O livro escrito por Silvio Almeida, cuja primeira edição foi publicada também em 2018, obteve grande sucesso após a participação do autor no programa de entrevistas “Roda Viva” da TV Cultura, em junho de 2020 e figurou durante várias semanas entre os mais vendidos nesse ano, de acordo com o ranking da Amazon, uma das gigantes do comércio eletrônico mundial².

Para a construção desse levantamento, o número de matérias do ano de 2020 é referente às publicações de janeiro a outubro, portanto não foi possível construir o retrato completo deste ano (2020). Ainda assim, até outubro o número é expressivo se comparado aos anos anteriores, considerando que não contamos com o número de matérias do intervalo de dois meses, é possível arriscar uma projeção de um número ainda maior que o ano anterior.

A segunda categoria analisada no levantamento foi o mês de publicação dos textos localizados. Na tabela abaixo, as descobertas:

Figura 3 – Total de matérias em relação ao mês de publicação (soma de todos os anos)



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A tabela nos mostra que no acumulado do período analisado, o mês com maior incidência de matérias publicadas é o mês de novembro. Esse resultado retoma a discussão já proposta anteriormente por Flávia Lima (2019), ombudsman do jornal Folha de São Paulo, sobre o fenômeno do “novembrismo” na mídia. Trata-se da forte concentração de publicações sobre o racismo apenas em novembro, por conta do Mês da Consciência Negra, em contraposição a um número muito menor nos outros meses do ano. A crescente abordagem do tema pela mídia é de fato algo a se reconhecer, entretanto, esse acúmulo desproporcional nos sugere um padrão de preocupação episódico e circunstancial com o assunto. Esse fenômeno demonstra a necessidade de preenchimento de algumas lacunas na prática jornalística, mas que não estão apenas restritas a elas, refletem o modo como a sociedade brasileira ainda se relaciona com o tema do racismo. Desta forma é preciso reconhecer a existência do racismo nas suas mais diversas manifestações e promover a capacidade de vincular o

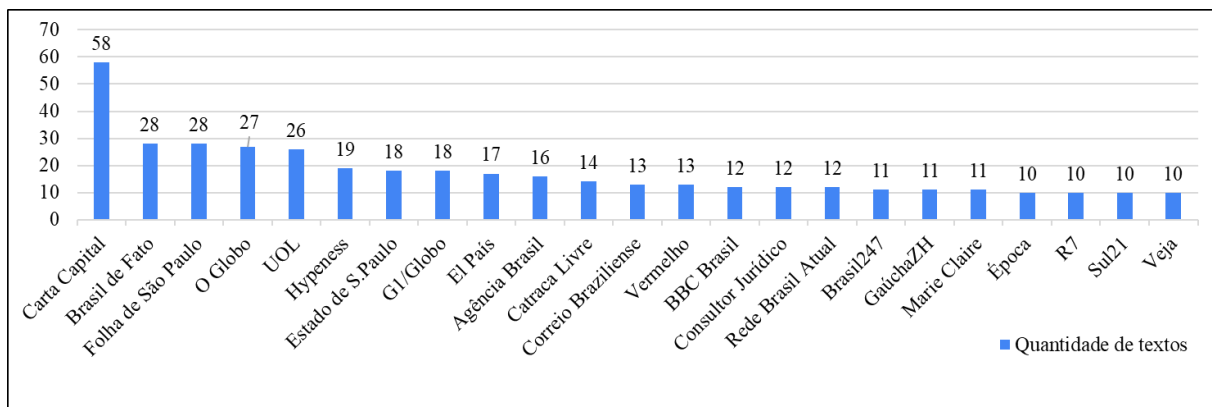
²Disponível em: <<https://exame.com/casual/os-20-livros-mais-vendidos-em-2020-na-amazon-brasil/>> Acesso em: 23 mai. 2021

debate e a reflexão sobre uma prática mais habitual, não no sentido de naturalizá-lo, mas com a proposta de exercitar e aprofundar cada vez mais a forma pela qual ele é discutido.

O mês de junho aparece com um valor atipicamente alto, se levado em conta que as efemérides ligadas a temática racial que mais ganham destaque na mídia ainda se concentram em novembro, conforme exposto anteriormente, e em maio por conta do dia 13, que registra a data oficial da Abolição da Escravatura no país. Entretanto, essa soma é alavancada especificamente pelos valores referentes ao mês de junho do ano de 2020. Já discutimos em outros momentos, a repercussão de casos de racismo ocorridos em maio de 2020 que estimularam uma onda crescente de debates na mídia sobre o racismo estrutural. Também retomamos aqui um fato já exposto, mas que dialoga diretamente com os números do mês de junho, que é a participação do autor Silvio Almeida no programa “Roda Viva”. A participação do autor com sua fala contundente na denúncia do racismo gerou enorme repercussão nas redes sociais, influenciando diretamente o incremento no debate e na produção da mídia sobre o assunto.

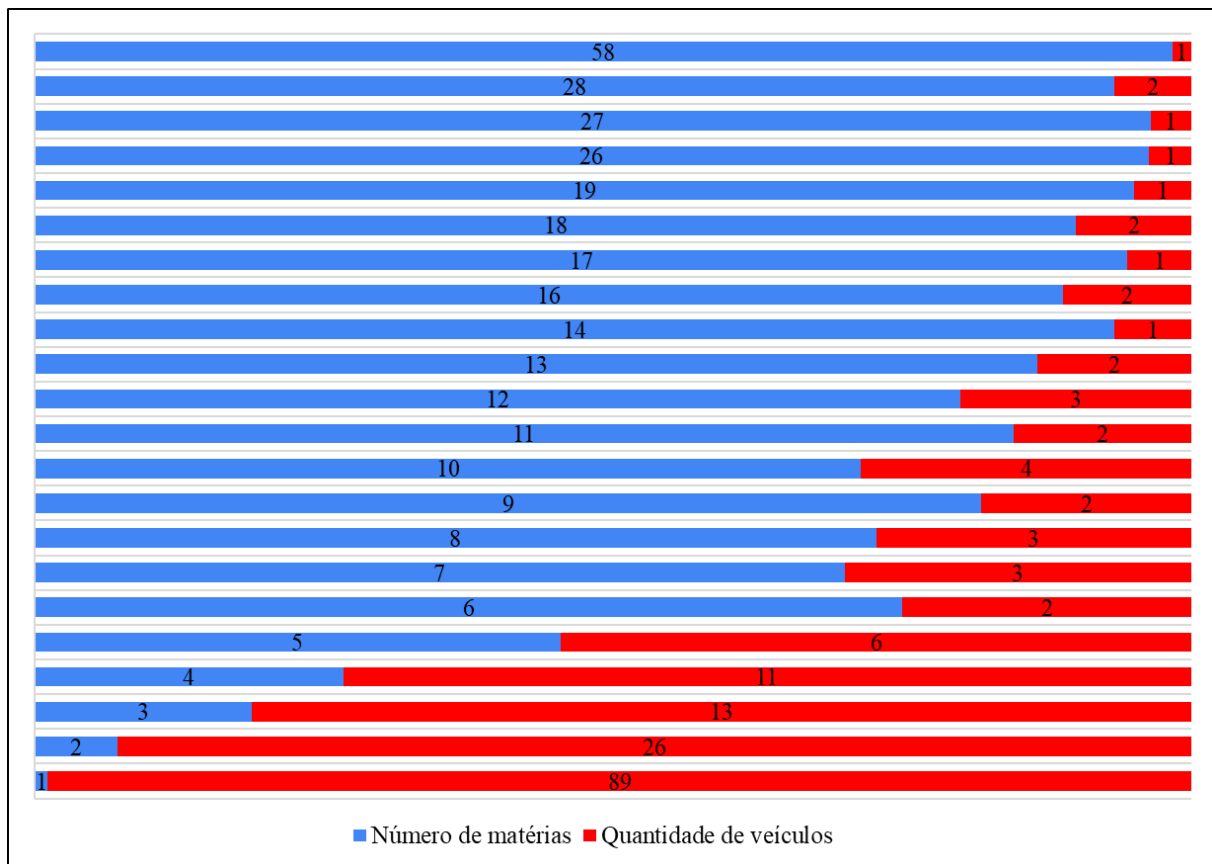
O terceiro cruzamento realizado a partir dos dados levantados, foi o ranqueamento dos veículos de comunicação em relação à quantidade localizada de matérias publicadas por cada um deles. O levantamento obteve matérias de 178 diferentes portais, sendo que, os que publicaram 10 matérias ou mais no intervalo pesquisado estão listados abaixo em ordem decrescente:

Figura 4 - Ranking dos veículos com a maior quantidade de matérias localizadas, até o limite de 10 publicações



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A tabela seguinte exhibe o agrupamento dos veículos em relação ao respectivo número de matérias localizadas:

Figura 5 – Número de matérias publicadas em relação a quantidade de veículos

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Dos números acima expostos, depreendem-se algumas reflexões que tentaremos explorar neste momento. De acordo com dados de 2019, o Brasil possui 11.809 veículos jornalísticos dos mais diversos meios. Dentre eles, 3.051, cerca de 25,8%, correspondem à parcela dos veículos digitais de jornalismo. Estes dados são do Atlas da Notícia (2020), iniciativa do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor) que organiza um mapeamento constante dos veículos jornalísticos de todo o território nacional.

Partindo da informação de que foram localizadas matérias de 178 diferentes portais, notamos que esse é um número ainda pequeno em relação à quantidade de organizações que produzem jornalismo de forma digital no país, representando apenas cerca de 22,6% desse grupo. É inegável que a abordagem do racismo estrutural como tema no jornalismo tenha crescido ao longo da última década, expondo uma necessidade inadiável de se falar sobre o assunto, em especial por conta de acontecimentos emblemáticos nos últimos anos.

Outro ponto importante é a concentração de mais da metade do número total de matérias apenas entre os 20 primeiros veículos elencados no ranking. Entre eles a maioria é de veículos de grande ou médio porte e alcance nacional. De certa forma a tendência de concentração de textos

acompanha o perfil de tamanho dos veículos. Ainda assim, é necessário destacar que os dois primeiros colocados se destoam deste perfil, não sendo pertencentes ao grupo da mídia hegemônica.

É importante levar em consideração que determinados portais detêm uma massa de informação maior do que outros. Isso pode ser resultado de uma produção de informação com volume maior e de uma atualização mais frequente. Esse é geralmente o padrão dos veículos de maior porte, da grande mídia. Com base nisso, é necessário relativizar os dados em análises comparativas entre eles, levando esse fator em consideração. Considerando isso, os veículos da grande mídia acabaram exibindo um número proporcionalmente muito menor de matérias do que os dois primeiros, de menor porte.

No outro oposto da tabela, vemos que a maior parte dos veículos (89), teve apenas 01 texto localizado em todo o período pesquisado. O aumento gradativo ao longo dos anos aponta uma tendência geral, mas não expressa necessariamente o que poderíamos chamar de um compromisso jornalístico coletivo em problematizar o tema. Desta forma, podemos afirmar que o racismo estrutural ainda não é pauta presente na maior parte dos jornais, sem eles impressos ou digitais.

ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS

A partir deste ponto passaremos a uma análise qualitativa sobre o conteúdo dos textos reunidos para esse trabalho. Devido ao volume considerável de material sistematizado, e considerando os limites que esse fator impõe para uma análise mais aprofundada sobre cada um deles, foi selecionada uma amostra para o cumprimento desta etapa da pesquisa. Como de 2010 a 2016 o número de matérias encontradas foi mais tímido, foi selecionado apenas um texto referente a cada um destes anos. Já no intervalo de 2017 a 2020, que apresentou um número mais expressivo, foram selecionadas 5 matérias de cada um dos anos. No total, somam 27 os textos selecionados para leitura. A escolha foi feita aleatoriamente, entretanto houve o cuidado de evitar que houvesse mais de um texto do mesmo veículo de comunicação, para assim, obtermos a maior diversidade possível nas ideias apresentadas. Com o mesmo intuito, também consideramos na escolha um equilíbrio entre os meses da publicação, para que tivéssemos textos de todos os meses do ano, na tentativa de absorver a leitura de diferentes episódios ao longo de todo o período avaliado. O objetivo da análise feita a partir da leitura dos textos é interpretar o enquadramento dado ao racismo estrutural nas matérias cuja leitura foi feita.

Segundo Porto (2002), no estudo sobre as relações entre mídia e política, o papel atribuído à mídia é o de ser a fonte de informação, e por isso é cobrada por uma objetividade e imparcialidade.

O autor defende que a crítica tradicionalmente feita com esse enfoque é insuficiente para dar conta de diversos outros aspectos que compõem essa relação. Nas ciências sociais, o paradigma da objetividade e imparcialidade há décadas vem sendo questionado e desconstruído, e é justamente dela que vem uma das principais referências para a construção de uma outra ferramenta interpretativa.

O sociólogo Erving Goffman (1986 apud Porto, 2002), sistematiza o uso do conceito de enquadramento na compreensão de fenômenos sociais, adotando-o como um conjunto de instrumentos interpretativos, construído socialmente, que nos permite dar significado para determinados acontecimentos sociais. Em outras palavras, o enquadramento é definido como a forma pela qual uma determinada situação é apresentada, como os fatos nela inseridos são expostos e descritos e qual interpretação é dada para esse conjunto de elementos.

As teorias sobre a comunicação apontam para o enquadramento como uma ferramenta de análise dos discursos jornalísticos mais adequada para a compreensão e crítica da construção, do direcionamento e da intencionalidade tomada pelos seus discursos. É importante que nesse aspecto seja possível desmontar a ideia de uma pretensa imparcialidade do jornalismo, bem como é necessário compreender que os mecanismos ideológicos presentes na sociedade estão, da mesma forma, presentes na construção e no exercício do jornalismo.

Para a realização da análise, buscou-se identificar no conjunto de textos selecionados, quais foram os principais temas das matérias e como o racismo estrutural foi contextualizado, descrito e relacionado com o tema principal. Além disso, procuramos destacar outras singularidades e similaridades relevantes entre os textos.

Na amostra, o tema predominante dos textos estava ligado à discussão de casos de discriminação flagrante, como por exemplo, campanhas publicitárias, ofensas públicas e falas em programas de televisão cujo caráter explicitamente racista, gerou repercussão em proporções consideráveis, a ponto de mobilizar a mídia sobre o fato. O tema da educação, através de debates sobre as ações afirmativas e as cotas raciais, aliado à discussão sobre a justiça e a política de segurança pública na seara do encarceramento e no genocídio da população negra, foram as outras temáticas que mais estiveram presentes nos textos selecionados.

Nos textos que se dedicavam a repercutir os casos de notório racismo, a discussão em geral adotou um tom de repúdio ao fato ocorrido, entretanto, limitou-se a discutir o problema apenas na sua esfera comportamental, restringindo o fato a um tipo de relação interpessoal. As menções feitas ao caráter estrutural do racismo na sociedade brasileira, em sua maioria não foram aprofundadas, exceto quando houve espaço para a fala de algum(a) especialista no tema. A falta de uma contextualização ou exemplificação um pouco mais específica do racismo estrutural nos textos, pode imprimir através da leitura uma sensação de que ele se manifesta predominantemente apenas como um problema

moral. É curioso notar que entre esse tipo de abordagem os veículos de grande porte, da chamada grande mídia, foram maioria.

Por outro lado, os textos que versaram sobre educação, justiça e segurança pública conseguiram ampliar um pouco mais as explanações sobre o racismo estrutural. Nem todos traziam algum tipo de definição para a terminologia, mas nesse grupo foi possível localizar matérias que abordassem aspectos importantes e sintomáticos do racismo estrutural, como a defasagem escolar da população negra, o encarceramento e a política de guerra contra as drogas que vitimam majoritariamente os jovens negros. Nesse grupo foi possível notar uma aproximação um pouco maior com o debate sobre o papel das instituições, tanto na reprodução quanto na mitigação de desigualdades no país, o que é um dos pontos nevrálgicos na discussão sobre racismo estrutural.

Um fato relevante a ser destacado é a existência de apenas uma matéria relacionada aos impactos econômicos do racismo estrutural sobre a população negra. Ainda há uma grande tendência na sociedade, e que se reflete na mídia, de escamotear a natureza racial e sistêmica das disparidades econômicas sofridas por essa população. O atual contexto da pandemia do novo *Coronavírus* suscitou debates sobre políticas econômicas de austeridade, assistência e seguridade social. Ainda assim, são tímidas as abordagens jornalísticas que se propõem a demonstrar a correlação desses fatores com o racismo estrutural e com o agravamento das condições de vida dos negro(a)s brasileiros.

Já expusemos anteriormente dados que corroboram a ideia de que nos últimos anos o racismo estrutural foi tema cada vez mais frequente na sociedade brasileira e no jornalismo digital. Entretanto, nessa etapa da análise, nota-se que apesar disso, há uma característica preponderante nos textos, que consiste na ausência de uma explicação sobre o significado de seu caráter estrutural, e de como ele se manifesta e se conecta objetivamente com os fatos apresentados na notícia. É óbvio que não se pode exigir de matérias jornalísticas o rigor que caberia a uma produção acadêmica sobre o tema, mas esse tratamento pode indicar uma compreensão do racismo estrutural, de certa forma ainda incipiente, abstrata e deslocada da forma como enraíza-se e opera na realidade.

Em especial nas matérias onde o racismo estrutural ficou restrito a servir de justificativa para um comportamento discriminatório, ele foi tratado como um fenômeno episódico, pontual, exemplo das mazelas e problemas inerentes à sociedade. Que o racismo estrutural tem sido um dos maiores impasses na sociedade brasileira, isso é fato, mas tratá-lo como uma disfunção ou patologia social contrapõe a produção intelectual e a mobilização política negra que vêm mostrando justamente o contrário. O acúmulo teórico em torno do tema do racismo estrutural nos mostra que no Brasil ele é a regra, e não a exceção. A sua presença é um elemento regulador da normalidade, pois é sobre o racismo e a partir dele que foram erguidas as bases do ordenamento institucional, político, econômico e social brasileiro.

Em recente entrevista no jornal da Folha de São Paulo, o professor do curso de Direito da Universidade Federal da Bahia, Samuel Vida, apresenta importantes percepções, que dialogam diretamente com as impressões obtidas através desse levantamento, sobre o posicionamento do racismo estrutural no atual debate público brasileiro. Em sua fala não há uma crítica direta ao papel da mídia ou à forma como ela tem discutido e se posicionado em relação ao tema na atualidade, entretanto, sua análise mesmo sendo direcionada à sociedade brasileira de modo mais geral, não exclui o fato de reconhecermos que a mídia tem grande influência sobre a produção de discursos e sentidos para os mais diversos temas na sociedade, não sendo diferente com o racismo. Vida (2021) ressalta que a ideia sobre racismo estrutural é uma construção antiga, gerada inicialmente pelos movimentos negros estadunidenses, baseada na compreensão de que o racismo é o fator estruturante das instituições em sociedades com um passado de exploração escravocrata, logo, apropriada às circunstâncias da história brasileira. Apesar da aprovação da ideia para a realidade nacional, o professor destaca que na atualidade o uso da expressão tem se banalizado. Segundo ele:

“O problema é que, no Brasil, entrou na moda uma apropriação que esvazia o sentido da expressão e passa a sugerir que há um racismo que é originado de estruturas indeterminadas. É como se houvesse uma condicionalidade invisível, imperceptível, diante da qual nós não teríamos como diagnosticar adequadamente e atacar no sentido de erradicar o que produz o racismo (VIDA, 2021).”

Essa ideia se conecta com nossa percepção ao longo da leitura dos textos, de que cada vez mais tem se usado o racismo estrutural quando se fala das mais diversas circunstâncias de racismo, e que a adoção do termo parece ter sido feita de forma automática, de modo a transformá-lo no rótulo do racismo brasileiro. No entanto, como já dito anteriormente, a falta de aproximação com o seu real significado traz a impressão de que se trata de um fenômeno abstrato, que opera por conta própria, sem que nada possa ser feito para freá-lo.

Outro viés que foi pouco explorado nas matérias que compuseram a amostra de textos lidos, é o da reflexão sobre a responsabilidade e o papel da mídia na reprodução do racismo estrutural. Houve apenas a ocorrência de uma matéria que tratou sobre o tema e cujos argumentos exibiam uma autocrítica de certa forma ainda inconclusa e imprecisa. A matéria em questão comentava sobre o episódio ocorrido na emissora Globo News, na qual um programa que debatia os protestos em reação à morte de George Floyd e contra o racismo nos Estados Unidos, foi composto por uma equipe totalmente formada por pessoas brancas. A crítica ao ocorrido efervesceu as redes sociais, e este tornou-se um caso emblemático ao expor as contradições da própria mídia que, mesmo enquanto abre espaço para o debate sobre o racismo, esquivava-se de reconhecer os efeitos do racismo estrutural na sua dinâmica interna. A matéria diz que o apresentador do programa ao justificar-se em nome da

emissora no dia seguinte ao episódio, ressalta que a empresa se preocupa com a ampliação da diversidade, e tem orgulho dos profissionais negros que compõem seu quadro de funcionários. Prosseguindo, sentencia que, apesar disso “*por razões históricas e estruturais de nossa sociedade, também na Globo os colegas negros ainda não são tantos quanto o desejado* (COSME apud PADIGLIONE, 2020)”.

De fato, as condições históricas se refletem neste caso ocorrido na emissora, e não são unicamente a ela, através da exclusão pela qual a população negra é sistematicamente submetida. Mas é sintomático em falas como essa, notar que a responsabilidade é atribuída majoritariamente aos condicionantes históricos e culturais do país e quase nunca ela é dividida com os indivíduos e instituições que estão inseridos no contexto da discriminação. Esse é um tipo de discurso e de justificativa frequente que tem circulado nos debates sobre racismo estrutural, do qual supõe-se que não há uma real conscientização e disposição para a mudança, das diversas partes envolvidas na questão. É preciso compreender que, apesar do caráter estrutural do problema, são também os indivíduos, as corporações, as instituições, entre outros atores sociais que, em diferentes instâncias operam a reprodução do racismo na prática, e que de alguma forma dão vida e movimento a tais estruturas. Portanto, por mais que se reforce que o racismo é um fenômeno de caráter estrutural, essa condição não concede isenção aos indivíduos de assumirem sua responsabilidade na reprodução de práticas racistas. Retomando a fala de Samuel Vida (2021) em sua entrevista para a Folha de São Paulo, na análise do professor o racismo estrutural quando usado como justificativa em casos como o que acabamos citar tem se tornado uma espécie de:

“[...] álibi para justificar tanto práticas individuais quanto práticas institucionais. E, ao mesmo tempo, apresenta-se sempre como sendo uma espécie de fatalidade. Então, as pessoas alegam, 'olha, isso é resultado do racismo estrutural, ponto'. E não se discute, não se apresenta a lista dos responsáveis por isso. (VIDA, 2021).”

Avançando para o desfecho dessa discussão sobre o modo pelo qual o jornalismo digital brasileiro tem tratado o tema do racismo estrutural, há um ponto favorável que aqui nos cabe destacar no balanço realizado. Trata-se de reconhecer que, a despeito das críticas que ainda cabem ao jornalismo, o crescimento da proporção com a qual o tema vem sendo discutido, apresenta-se como uma das evidências da constante incidência política e educadora dos movimentos negros brasileiros, ao pautarem permanentemente a questão, contribuindo para a compreensão do problema, mas também cobrando a devida autocritica aos meios de comunicação.

Esse ponto de inflexão no discurso jornalístico sobre o racismo pode ser lido como uma importante mudança de paradigma, ainda que em curso, mostrando que esta atividade mesmo a seu

modo, tem acompanhado as atualizações das discussões sobre o tema e tem revisto e transposto algumas concepções hoje já superadas sobre o assunto.

Essa mudança pode ser exemplificada por meio de um breve retorno à década de 90, mais precisamente ao ano de 1995. No mês de junho daquele ano, o jornal Folha de São Paulo lançava um caderno especial intitulado “*Racismo Cordial*”, classificado pelo jornal como “*a maior e mais completa pesquisa sobre o preconceito de cor entre os brasileiros*” (FOLHA, 1995). O caderno, fruto do trabalho do Instituto Datafolha que entrevistou mais de 5000 pessoas por todo o país, tentou mostrar como o povo brasileiro se manifestava em relação ao racismo. Como o próprio título do caderno indica, o jornal já partiu de uma convicção de que o racismo no Brasil gozava de um caráter de cordialidade, por manter-se implícito e velado na convivência do dia a dia. Essa concepção que tendia a minimizar e amenizar a real dimensão do problema e restringi-lo ao aspecto comportamental, derivava de teses consideravelmente aceitas pela sociedade e defendidas por muitos sociólogos pertencentes à elite intelectual da época. Apesar do pioneirismo deste levantamento no jornalismo nacional, a pesquisa reforçava a concepção do racismo como um problema restrito à esfera das relações interpessoais, afastando-se de uma compreensão da questão na amplitude da sua complexidade, e enxergando nele tal cordialidade, contribuía para a ocultação e o desprezo à enorme violência e ele inerente.

Retomando as concepções sobre o racismo apontadas por Silvio Almeida (2019) nos parece, a partir do corpus desta pesquisa, que o jornalismo ainda padece de equívocos conceituais, cuja intencionalidade pode ser debatida e comete imprecisões ao discutir o racismo. Na tentativa de explorar o significado da concepção estrutural do racismo, acaba apresentando explicações muito mais ligadas à concepção individualista do fenômeno, do que propriamente aprofundando os possíveis debates que poderiam ser feitos a partir de diversos episódios do cotidiano.

Desde então, a abordagem do jornalismo tem se atualizado, mesmo que ainda com limitações, algumas delas expostas neste trabalho, acompanhando o avanço dos debates sobre o racismo no país. Agora cabe a ele mobilizar-se para o preenchimento das lacunas que ainda existem quando se fala jornalisticamente sobre racismo estrutural, trazendo mais concretude à fala e principalmente, reconhecendo o racismo inerente às instituições nas quais está inscrito, imprimindo um esforço real para combatê-lo, reconhecendo o caráter político do ofício. O reconhecimento pleno do caráter estrutural do racismo brasileiro é uma necessidade incontornável, e nesse cenário o jornalismo tem sua parcela de responsabilidade, voltando-se ao seu papel de instrumento fundamental no exercício da democracia na sociedade brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento nos cabe retomar a importância da ideia de racismo estrutural, que serviu de fio condutor e guia para as análises propostas por esse trabalho. A grande contribuição trazida pela consolidação do conceito, é a oferta à sociedade de uma perspectiva mais aprofundada e crítica sobre o problema do racismo no Brasil. O conceito de racismo estrutural se apresenta hoje como uma das mais sofisticadas ferramentas para a superação de uma leitura incompleta e ainda predominante, dos problemas das relações raciais que se restringem aos aspectos comportamentais e situações episódicas e circunstanciais. Ele faz isso evidenciando o poder como elemento central das relações, não apenas as de caráter pessoal, mas também aquelas dos grupos dominantes com as instituições e estruturas, que as permitem controlar e provocar a reprodução sistemática das desigualdades. Reportando-se à história da formação política, econômica e social do Brasil, o conceito nos oferece instrumentos, que ajudam a caminhar no sentido de uma análise cada vez mais sistêmica e complexa, que expõe o racismo como a regra, e não a exceção, do ordenamento social brasileiro.

Partindo dessa perspectiva, a pesquisa se propôs a tentar explorar o papel da mídia nesse cenário, e mais especificamente compreender como o jornalismo digital tem abordado o tema do racismo estrutural. A partir de um universo determinado de produções do jornalismo digital foi possível notar um crescimento sensível ao longo dos anos de 2010 a 2020, no número de publicações que de alguma forma se relacionavam com o tema. Apesar do crescimento, notou-se uma concentração da publicação desses textos no mês de novembro, relacionado ao estímulo causado pelo mês da Consciência Negra, sugerindo uma preocupação potencialmente momentânea com o tema.

Em relação aos veículos de comunicação identificados no levantamento, notou-se que os que mais publicaram textos sobre o assunto no período pesquisado, não pertenciam ao circuito da grande mídia hegemônica. Isso nos sugere que em relação a sua capacidade e estrutura, ainda há uma sub-representação do tema nos grandes veículos jornalísticos digitais, motivada por diversos fatores, como a influência de interesses políticos e econômicos elitistas, conservadores e reacionários, o déficit na presença de profissionais negros, entre outros.

A partir da leitura de alguns dos textos, percebe-se a utilização do conceito de racismo estrutural de forma abstrata, pouco objetiva e prática, relacionando-o majoritariamente à dimensão comportamental e moral do problema, indicando que a exploração do tema no jornalismo ainda se mostra de algum modo incipiente e em construção. É preciso cautela com a impressão deixada por alguns textos de que o racismo é uma fatalidade inevitável, que conduz indivíduos a atitudes discriminatórias, e não avança para uma discussão sobre as condições estruturais, institucionais,

sociais e políticas que sustentam não apenas comportamentos desse tipo, mas determinam uma condição de exclusão específica à população negra brasileira.

No panorama analisado, aparece a carência de discussões que relacionam fatores mais estruturais, como por exemplo, a economia ao racismo, e até mesmo aquelas que promovam uma reflexão sobre o papel dos meios de comunicação nessa questão. Não podemos negar que tem estado em curso uma mudança, ainda que lenta e gradual nesse paradigma, a despeito dos avanços que ainda precisam amadurecer. Para que tais mudanças possuam real impacto não se pode mais ignorar que a devida compreensão sobre o racismo estrutural se estabelece hoje como uma perspectiva teórica e política indispensável para o debate público brasileiro.

No cumprimento dos objetivos propostos, há de se reconhecer algumas limitações impostas pelas circunstâncias da pesquisa, contudo algumas inferências podem apontar possibilidades de discussões futuras que podem ser ampliadas e aprofundadas.

A exploração da ideia de racismo estrutural exige uma crítica profunda e radical às estruturas econômicas, políticas e sociais hoje estabelecidas na sociedade brasileira. Entretanto, a mídia hegemônica brasileira ainda é comandada por integrantes de uma elite econômica majoritariamente branca e que reflete e responde aos interesses do capital privado, o que a posiciona em uma perspectiva ideológica oposta à que a crítica do racismo estrutural propõe. Depreende-se disso que, abordar e explorar profundamente o conceito de racismo estrutural exige a necessidade de reconhecer a centralidade da luta contra o racismo na agenda política de transformação social no país, logo, na reflexão sobre o papel dos meios de comunicação nesse cenário.

Esses fatores se impõem como contradições na busca por um jornalismo que adote uma atuação mais alinhada à perspectiva crítica proposta pelo racismo estrutural, mas apontam a necessidade de superação delas, em direção a um jornalismo com um papel mais incidente na conscientização e no combate ao racismo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BARDIN, Laurence Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70 1977.

BOND, Leticia. Pesquisa revela aumento do consumo de notícias durante pandemia. Agência Brasil, São Paulo, 21 jun, 2020. Disponível em: <<https://agenciabrasil.etc.com.br/geral/noticia/2020-06/pesquisa-revela-aumento-do-consumo-de-noticias-durante-pandemia>>. Acesso em 24 jan. 2021.

CHISTOFORI, Elaine Cunha. O jornalismo do futuro: o processo de comunicação do jornalismo digital. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, 2006. 88 p. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/ECChistofori.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2021.

COMO as matérias do Google Notícias são selecionadas. Google News. [S. l.], [2020?]. Disponível em: <https://support.google.com/googlenews/answer/9005749?hl=pt-BR#:~:text=Algoritmos%20de%20computador%20selecionam%20o,alguns%20conte%C3%BAdos%20de%20maneira%20personalizada>. Acesso em: 26 jan. 2021.

FERREIRA, Soraya; OLIVEIRA, Liliane. Jornalismo Independente no Brasil: Mídia Independente X Mídia Tradicional. Simpósio Nacional da ABCiber, São Paulo, ed. 9, p. 01-16, 2016. Disponível em: <http://abciber.org.br/anaisletronicos/wp-content/uploads/2016/trabalhos/jornalismo_independente_no_brasil_midia_independente_x_midia_tradicional_liliane_oliveira.pdf> Acesso em: 5 fev. 2021.

LIMA, Flavia. O 'novembrismo' da mídia: Cobertura do mês da Consciência Negra mostra quão racistas somos e precisa ser ampliada. Folha de S. Paulo. 17 nov. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/flavia-lima-ombudsman/2019/11/o-novembrismo-da-midia.shtml>> Acesso em: 4 fev. 2021.

LIMA, Flavia. Debate racial requer bem mais que bons modos ou medidas para aliviar culpas: O 'novembrismo' pós-Floyd, caso nos EUA que reposicionou discussão sobre racismo. Folha de S.

Paulo. 01, 22 nov. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/flavia-lima-ombudsman/2020/11/o-novembrismo-pos-floyd.shtml>> Acesso em: 4 fev. 2021.

MOURA, Clóvis. *Dialética radical do Brasil negro*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2014.

NÚCLEO de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). (2020). Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus: Painel TIC COVID-19, ano 2020. Disponível em: <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20210426095323/painel_tic_covid19_livro_eletronico.pdf> Acesso em: 23 mai, 2021.

OLIVEIRA, Dennis de. Racismo estrutural – apontamentos para uma discussão conceitual. Disponível em: <http://movimientos.org/es/dhplural/foro-racismo/show_text.php3%3Fkey%3D371>. Acesso em 20 out. 2020.

PADIGLIONE, Cristina. Globonews faz autocrítica inédita sobre brancos discutindo racismo e escala só negros para jornal. Folha de S. Paulo. 03 jun. 2020. Disponível em: <<https://telepadi.folha.uol.com.br/globonews-faz-autocritica-inedita-sobre-brancos-discutindo-racismo-e-escala-so-negros-para-o-em-pauta/>> Acesso em: 16 fev. 2021.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), Caxambu, 2002. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/26-encontro-anual-da-anpocs/gt-23/gt09-13/4400-mporto-enquadramentos/file>> Acesso em: 26 fev. 2021.

PROJOR. Atlas da Notícia. 2020. Disponível em: <<https://www.atlas.jor.br/>>. Acesso em 10 fev. 2021.

RACISMO cordial. A maior e mais completa pesquisa sobre o preconceito de cor entre os brasileiros. Folha de S. Paulo. São Paulo. 25 jun. 1995. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br//leitor.do?numero=12830&anchor=505630&pd=862890ce3f1b7b464142a20e120e4427>>. Acesso em 28 dez. 2020.

RACISMO estrutural no Brasil. GoogleTrends. 2020. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/story/US_cu_9rztAHQBAABpPM_en?fbclid=IwAR3B5AV7mE2rxdiITAnpqWZt3lrV06xBgK3gI10Uvg6rOaJsHRT2NrFALn0>. Acesso em 07 out. 2020.

RASÊRA, Marcella. Jornalismo Digital: do boom aos dias atuais: Uma reflexão sobre a necessidade da convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia. Revista Ícone, Recife, v. 10, n. 1, p.01-09, ago. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/230424/24537>>. Acesso em: 19 out. 2020.

SCHNAIDER, Amanda. Consumo de notícias digitais no Brasil aumenta na pandemia. Meio e Mensagem, 25 set, 2020. Disponível em : <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/09/25/consumo-de-noticias-digitais-no-brasil-aumenta-na-pandemia.html>>. Acesso em 24 jan. 2021.

SILVA, Tarcízio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: SILVA, Tarcízio (org). Comunidades, Algoritmos e Ativismo Digitais: olhares afrodiaspóricos. São Paulo: LiteraRUA, 2020.

SODRÉ, Muniz. Claros e Escuros. Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

UPSTILL, Trystan. O novo Google Notícias: Inteligência Artificial encontra a inteligência humana. Google Blog, 08 mai. 2018. Disponível em: <<https://brasil.googleblog.com/2018/05/o-novo-google-noticias.html>>. Acesso em 26 jan. 2021.

VIDA, Samuel. Racismo estrutural virou alibi para justificar práticas individuais e institucionais. [Entrevista concedida a] Renata Galf. Folha de SP, São Paulo, 4, fev de 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/02/racismo-estrutural-virou-alibi-para-justificar-praticas-individuais-e-institucionais-diz-professor.shtml>>. Acesso em 08 fev 2021.